

Observatório de Educação Especial e Inclusão Escolar (ObEE)
Portal Práticas Educacionais Inclusivas

**O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO E O ENSINO REMOTO:
DESAFIOS, PARCERIAS E POSSIBILIDADES**

Ana Aparecida da Silva Azevedo

Professora do Atendimento Educacional Especializado, da Rede Municipal de Educação, Macaé, RJ
E-mail: ana.aparecida.sa@gmail.com

Adriana da Silva Maria Pereira

Mestranda na Universidade Estadual Paulista, São Paulo, SP
E-mail: silva.maria@unesp.br

Virgínia Zilda Linhares de Oliveira

Professora do Atendimento Educacional Especializado, da Rede Municipal de Educação, Macaé, RJ
E-mail: vzoliveira@hotmail.com

1 Introdução

O tema escolhido visa abordar alguns desafios que identifiquei ao longo do ano letivo de 2020 como professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE) no período de pandemia e ensino remoto, no qual precisei rever minha prática e desenvolver junto às famílias dos alunos novas formas de interagir com eles e realizar os atendimentos, bem como apoiá-los na interação com os professores das turmas regulares e mediar o acesso às atividades propostas pela escola, garantindo que o processo de inclusão escolar seja mantido, apesar dos novos desafios.

[...] percebemos que há a necessidade da organização de uma rede de saberes, na qual os profissionais envolvidos com esses alunos, na sala de aula ou em outros ambientes da escola ou ainda no AEE, que pode acontecer fora da sua escola, precisam ter a condição de compartilhar os caminhos que são necessários para esse aluno aprender e se desenvolver. (BRAUN; VIANNA, 2011, p. 24).

Sabemos que a estrutura educacional precisou se adaptar a esse novo formato e, com os alunos atendidos no AEE não foi diferente, na verdade foi mais delicado do que antes e a parceria entre os professores e os pais precisou ser ainda mais forte para garantir que os alunos não perdessem o vínculo com a escola. Nessa

Observatório de Educação Especial e Inclusão Escolar (ObEE)

Portal Práticas Educacionais Inclusivas

direção, Fettback e Baldin (2013, p. 2277) defendem que

O trabalho com famílias e o estímulo à sua participação efetiva e social no acompanhamento dos filhos constitui-se, sem dúvida, num fator relevante no processo de inclusão escolar dos estudantes com deficiência. [...] Uma das funções da Educação Especial é estreitar a relação com a família, alcançando e compartilhando um trabalho interdisciplinar e colaborativo.

Como iniciei meu trabalho no AEE nesse ano, precisei alicerçar minha prática já dentro do formato do ensino remoto, selecionando junto com os pais as ferramentas mais acessíveis e possíveis para nossa interação. Esse percurso inicial não foi fácil e ter o apoio da mediação no Curso de Aperfeiçoamento em Educação Especial e Inclusiva da Fundação CECIERJ me auxiliando a pensar tanto na minha prática docente, quanto nas novas possibilidades de ensino, foi de grande importância para manter o foco e trabalhar pela garantia da inclusão dos alunos que atendo, apesar das dificuldades do ensino remoto. Cabe ressaltar, que nesse percurso também pude contar com o apoio e parceria de uma colega professora do AEE e isso foi essencial para o enfrentamento dos desafios que o isolamento social por conta da pandemia da Covid-19 impôs na educação no Brasil.

A experiência aqui relatada recebeu forte influência do referencial da teoria Histórico-Cultural de Vygotski, que foi um importante elemento norteador da minha prática profissional e do meu olhar para os alunos como seres históricos e sociais, que participam da coletividade através de seu processo de aprendizagem e desenvolvimento.

Cicarello Junior e Camargo (2019) indicam que a teoria Histórico-Cultural de Vygotski

propõe que a aprendizagem seja compreendida como um movimento de significação e de transformação na mente. Nessa concepção, a capacidade de aprender é fruto da nossa constituição biológica, garantida pelo nosso sistema nervoso central, mais especificamente pelo cérebro. Mas o quê e como aprendemos é fruto das condições concretas da realidade onde estamos inseridos, que nos fornecem os recursos necessários para que possamos nos desenvolver [...]. (CICARELLO JUNIOR; CAMARGO, 2019, p. 92).

A partir dessa minha experiência e à luz da concepção Histórico-Cultural,

Observatório de Educação Especial e Inclusão Escolar (ObEE) Portal Práticas Educacionais Inclusivas

tenho como objetivo, por meio deste relato, analisar os principais desafios que surgiram para a realização do AEE através do ensino remoto, a necessidade e importância do estabelecimento de parcerias e interação entre a escola e a família e as novas possibilidades de ação desvendadas a partir dessa experiência.

2 Metodologia

O presente trabalho consiste num relato de experiência, de natureza aplicada, e foi organizado com base na abordagem qualitativa, na perspectiva da pesquisa-ação. De acordo com Nascimento (2017), o método qualitativo se baseia na interpretação dos fenômenos observados e no significado que carregam, considerando a realidade e a particularidade de cada um dos sujeitos objetos da pesquisa, através de um processo descritivo, indutivo, de observação, que não leva em conta princípios já estabelecidos, mas parte de casos particulares. Já em relação à pesquisa-ação, Nascimento (2017) a define como uma análise da situação concomitante à execução de planos de ação que podem provocar mudanças, sempre com a participação do pesquisador, havendo estreita cooperação entre ele e os sujeitos pesquisados.

Este relato de experiência parte da minha vivência enquanto professora de Atendimento Educacional Especializado (AEE) em uma escola pública municipal, atuando em parceria com uma colega professora no atendimento a um total de 48 alunos ao longo do ano letivo de 2020. Todo o procedimento metodológico adotado neste relato de experiência se estruturou a partir das ações desenvolvidas no contexto de trabalho, as quais foram perpassadas por inúmeros desafios e necessárias adequações para garantir a inclusão dos nossos alunos no processo educativo formal e na dinâmica escolar. Para tanto, nós professoras, os pais, a equipe gestora da escola e os alunos precisamos trabalhar juntos, dialogar e cooperar em todo o processo para de fato instrumentalizá-lo, considerando em todo momento as formas culturais de comportamento de cada criança, que de acordo com Vygotski (2011), são o único caminho para a educação da criança público-alvo do AEE. Essas formas culturais “consistem na criação de caminhos indiretos de desenvolvimento onde este resulta impossível por caminhos diretos” (p. 868). A

Observatório de Educação Especial e Inclusão Escolar (ObEE)

Portal Práticas Educacionais Inclusivas

descrição dos momentos e ações metodológicas adotadas serão detalhadamente descritas a seguir no relato.

No início do ano letivo comecei a atuar como uma das professoras do AEE da Sala de Recursos Multifuncionais na escola municipal em que trabalho há alguns anos, na cidade de Macaé, no estado do Rio de Janeiro. Nessa escola somos duas professoras atuando em parceria no AEE e atendemos 48 alunos acolhidos por essa modalidade de ensino — estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação — buscando garantir-lhes o acesso, a participação e a aprendizagem, conforme prevê a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008).

Já nas primeiras semanas de aulas presenciais realizamos uma reunião com os pais dos alunos, na qual apresentamos o objetivo do AEE, a importância da assiduidade dos alunos nos atendimentos e o desejo de poder contar com eles como parceiros ao longo do ano.

Em meados do mês de março, diante de um cenário de incertezas devido à pandemia da Covid-19 e a adoção de novos recursos para mantermos o trabalho docente, me vi diante de um enorme desafio: *como desenvolver meu trabalho junto aos alunos do AEE de forma remota?* Comecei então, no primeiro mês, conforme a orientação vinda da Secretaria Municipal de Educação de Macaé, a preparar materiais com sugestões de jogos e atividades que pudessem contemplar a maioria dos alunos que atendia e a enviá-las para serem disponibilizadas num blog criado e gerenciado pela rede municipal.

Diante desse cenário, verifiquei que muitos dos alunos da escola em que trabalho não conseguiam acessar o blog para baixar as atividades tanto das turmas do ensino regular quanto do AEE. Fiz contato com os pais, alertei sobre a importância da realização das atividades propostas, tirei dúvidas, mas ainda percebia pouca adesão e compreendia algumas limitações.

Resolvi então tornar as atividades que preparava para as crianças mais acessíveis à realidade que vivem, enviando-as semanalmente através do Aplicativo WhatsApp, com o cuidado de adequá-las ao Planejamento Educacional Especializado (PEI) de cada aluno. Junto às atividades, enviava orientações aos pais de como deveriam efetuar as intervenções. Ainda assim recebi reclamações quanto à

Observatório de Educação Especial e Inclusão Escolar (ObEE)

Portal Práticas Educacionais Inclusivas

dificuldade para imprimir atividades. Essa dificuldade (tecnológica e econômica) era um fator que impedia a participação de muitos alunos e os pais frequentemente solicitavam que as atividades fossem mais práticas para evitar tal transtorno.

Conversei com a outra professora que também trabalha no AEE, e com a equipe gestora da escola sobre minha preocupação e ofereceram apoio para que, seguindo corretamente os protocolos de segurança nesse período, preparássemos um pequeno kit (com alguns materiais escolares e jogos específicos, de acordo com as necessidades de cada aluno) e uma apostila de exercícios impressa para serem entregues aos responsáveis. Logo organizamos a preparação e entrega do material, que teve grande aceitação por parte dos alunos e seus pais. Essa ação está em conformidade com Braun e Vianna:

[...] o AEE tem como finalidade também favorecer a organização de materiais didáticos e pedagógicos, estratégias diferenciadas, instrumentos de avaliação adequados às necessidades do aluno para que, de fato, sua permanência na escola lhe proporcione desenvolvimento acadêmico e pessoal. (BRAUN; VIANNA, 2011, p. 24).

Figura 1 – Kit preparado e entregue aos alunos atendidos pelo AEE no C.M. Prof^a. Elza Ibrahim, no município de Macaé - RJ



Fonte: Arquivo pessoal.

Ampliando minha ação enquanto professora de AEE, ao participar das reuniões virtuais com os professores das turmas regulares da escola, buscava ressaltar a importância de que preparassem propostas de atividades acessíveis e adaptadas às necessidades dos alunos.

Professores de turmas regulares precisam de uma visão sobre o trabalho com a diversidade, desenvolvendo seu trabalho geral centrado no aluno, com as pedagogias ativas e conhecendo procedimentos específicos básicos em relação aos estudantes com necessidades específicas (BRAUN; VIANNA, 2011, p.26).

Observatório de Educação Especial e Inclusão Escolar (ObEE) **Portal Práticas Educacionais Inclusivas**

Além disso, oferecia suporte aos alunos na execução dos exercícios também da sala regular, tirando dúvidas e dando sugestões individualmente. Para facilitar o contato criamos um grupo no WhatsApp apenas para os responsáveis e alunos do AEE.

Por volta do mês de agosto a equipe gestora nos orientou a realizarmos aulas virtuais utilizando o *Google Classroom* e o *Meet*. Para a maioria das turmas regulares da nossa escola essa ferramenta deu certo. No entanto, para o AEE não foi possível, pois tive pouca adesão. Alguns pais diziam que não tinham computador e outros ainda afirmavam que não tinham memória suficiente no celular para baixar o aplicativo. Precisei repensar minha estratégia.

A partir da receptividade e acesso da maioria dos alunos à rede social WhatsApp, a estratégia adotada se voltou então para a realização dos atendimentos virtuais através de chamadas de vídeo. Conversei com a professora que trabalha comigo, com a equipe gestora e com os pais, e a proposta foi bem aceita. Montamos uma tabela de horários verificando a disponibilidade de cada aluno e seu responsável (pois muitos dos alunos não têm celular próprio e os pais trabalham fora o dia inteiro) e começamos a realizar nossos atendimentos.

Desde então, os encontros são realizados semanalmente, com grupos de no máximo 3 alunos. Participam dos encontros também alguns funcionários da escola que acompanhavam durante o ensino presencial os alunos que tinham pouca autonomia. Cada encontro tem duração média de 1 hora e neste tempo conversamos e realizamos atividades que propiciem a interação entre os alunos, tiramos dúvidas a respeito das propostas de atividades das apostilas entregues impressas e verificamos se as estão realizando. Averiguamos também se têm acesso às atividades das turmas regulares e oferecemos suporte para a realização destas, além de sugestões de intervenção aos pais. Sempre que se faz preciso convidamos os pais para participarem desse momento conosco, envolvendo-os nas atividades e tendo-os como parceiros importantes na viabilização da nossa interação com os alunos no formato remoto.

Observatório de Educação Especial e Inclusão Escolar (ObEE)
Portal Práticas Educacionais Inclusivas

3 Considerações Finais

Relatar aqui minha experiência enquanto docente do AEE no período da pandemia da Covid-19 com o desafio da adoção do ensino remoto, me possibilitou revisitar as constantes reinvenções em minha prática profissional ao longo do ano letivo de 2020. Através da atividade final proposta pelo Curso de Aperfeiçoamento em Educação Especial e Inclusiva da Fundação CECIERJ, que consistia na elaboração do meu relato de experiência, pude observar o quanto essa possibilidade de formação continuada foi importante para a sensibilização do meu “olhar” para o público discente que atendo, para suas possibilidades e limitações.

Considero, a partir dessa experiência e apoiada na teoria Histórico-Cultural vygotskiana, que como docente do AEE pude começar

[...] a compreender que, ao entrar na cultura, a criança não apenas toma algo dela, adquire algo, incute em si algo de fora, mas também a própria cultura reelabora todo o comportamento natural da criança e refaz de modo novo todo o curso do desenvolvimento. (VYGOTSKI, 2011, p.866).

Muitos foram os momentos em que me senti desafiada a desvendar novas possibilidades para me aproximar remotamente dos alunos e atender as suas necessidades, com vistas à manutenção do vínculo dos alunos com a escola e do processo de ensino-aprendizagem formal. Tais possibilidades contempladas podem ser de grande importância para minha prática enquanto docente do AEE também no retorno do ensino presencial. Durante esse percurso, reconheço que sem os constantes momentos de diálogo e trocas de experiências, preocupações e ideias com a professora que atua comigo no AEE na escola em que trabalho, muitas das ações implementadas não teriam acontecido. Considero como parceria e suporte igualmente importantes a abertura e acolhida da equipe gestora da escola para cada uma das sugestões de trabalho propostas, além da disposição para ajudar-nos.

A parceria dos pais também tem sido muito preciosa nesse novo formato de ensino e verificamos que a maioria tem se comprometido com a participação das crianças. No entanto, é importante ressaltar que nem todos os alunos participam de

Observatório de Educação Especial e Inclusão Escolar (ObEE)

Portal Práticas Educacionais Inclusivas

todas as atividades propostas e há casos específicos que tratamos individualmente, como a falta de acesso à Internet ou o não domínio das ferramentas tecnológicas utilizadas. No atual cenário, esses são os desafios que ainda se apresentam para a efetivação do processo de ensino-aprendizagem.

O que levo como lição dessa experiência são a importância e a potência da parceria família-escola no processo de desenvolvimento dos nossos alunos, sempre aliada à constante busca dos professores por uma formação continuada, que os atualize e sensibilize frente às diversas demandas que se apresentam à prática docente.

Referências

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação**

Inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2008. Disponível em:

<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000011730.pdf> Acesso em: 20 nov. 2020.

BRAUN, Patrícia; VIANNA, Márcia Marin. Atendimento Educacional Especializado, Sala de Recursos Multifuncional e Plano Individualizado: desdobramentos de um fazer pedagógico.

In: PLETSCHE, Márcia Denise; DAMASCENO, Allan (org.). **Educação especial e inclusão escolar: reflexões sobre o fazer pedagógico**. Seropédica: EDUR - Editora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2011. p. 20-29. Disponível em:

<http://r1.ufrj.br/im/oeieies/wp-content/uploads/2015/03/Livro-Educa%C3%A7%C3%A3o-Especial-Inclus%C3%A3o-Escolar.pdf> Acesso em: 21 nov. 2020.

CICARELLO JUNIOR, Ivan Carlos; CAMARGO, Denise de. Tempo histórico: um importante conceito para compreender a concepção Vygotskiana de desenvolvimento humano. *In*: DIAS, Maria Sara de Lima (Org.). **Introdução às leituras de Lev Vygotski**: debates e atualidades na pesquisa. Porto Alegre: Editora Fi, 2019, p. 83-98.

FETTBACK, Carin Schultze; BALDIN, Nelma. Relações entre Família, Escola e Atendimento Educacional Especializado (AEE) no contexto da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva: uma experiência na rede municipal de Joinville (SC). *In*: CONGRESSO BRASILEIRO MULTIDISCIPLINAR DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 7., 2013, Curitiba. **Anais** [...].

Curitiba: Universidade Estadual de Londrina, 2013. Tema: Inclusão: teoria, prática e produção do conhecimento, p. 2276-2283. Disponível em:

<http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2013/AT07-2013/AT07-023.pdf> Acesso em: 15 nov. 2020.

NASCIMENTO, Francisco Paulo do. Classificação da Pesquisa. Natureza, métodos ou abordagem metodológica, objetivos e procedimentos de pesquisa. *In*: NASCIMENTO, Francisco Paulo do; SOUSA, Flávio Luís Leite. **Metodologia da Pesquisa Científica**: teoria e prática – como elaborar TCC. 2. ed. Fortaleza: INESP, 2017, p. 73-78.

Observatório de Educação Especial e Inclusão Escolar (ObEE)

Portal Práticas Educacionais Inclusivas

VYGOTSKI, Lev Semionovitch. A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal. Tradução Denise Regina Sales, Marta Kohl de Oliveira e Priscila Nascimento Marques. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 863-869, dez. 2011. Título original: Defektologiya i utchenie o razvitii i vospitanií nenormálnogo rebionka.